

FAMÍLIA E ESCOLA: UMA RELAÇÃO MÚTUA NO ATENDIMENTO À CRIANÇA ALTO HABILIDOSA E SUPERDOTADA.

Fabiane Cristina Favarelli Navega

Pedagoga/Psicopedagoga e docente do Centro Universitário UNIFACP

Resumo

O objetivo desse estudo é apresentar uma reflexão sobre a pessoa com altas habilidades/superdotação e alguns aspectos referentes a esses indivíduos no ambiente familiar e escolar. Ressaltar a importância da interação família-escola no processo de inclusão. Ao longo do trabalho serão analisadas algumas das dificuldades mais comuns que se apresentam nas famílias e nas escolas, com destaque para a persistência dos mitos sociais em torno do termo da superdotação e dos obstáculos que esses mitos representam para a realização de práticas efetivas de inclusão no ambiente escolar.

Palavras-chave: Superdotação – inclusão – família.

Sumário: 1. Introdução; 2. Considerações finais; 3. Referência

Introdução

Hodiernamente o reconhecimento e o encaminhamento ao atendimento especializado para as crianças alto habilidosas/superdotadas tem sido um grande desafio. O senso comum, impregnado por mitos e a falta de conhecimentos de familiares e educadores, talvez sejam as maiores dificuldades para romper com o ideário errôneo sobre essas crianças, sobretudo referente a sua identificação, visto que, quando ouvimos falar nesses indivíduos, logo nos remete a ideia de grandes gênios da ciência.

É certo que a invisibilidade nas salas de aula acarretam problemas significativos para esses indivíduos. Gama (2006) evidencia que a identificação dos estudantes com altas habilidades somente possui sentido se houver a previsibilidade de um atendimento especializado às suas necessidades educacionais, caso contrário, se configura apenas um rótulo, provocando expectativas desnecessárias e frustrantes para professores, pais, e especialmente, ao próprio indivíduo.

Independente de localização geográfica, período histórico, aspectos culturais, sociais e emocionais a família é o primeiro grupo social ao qual a criança pertencerá. É neste meio que ela desenvolverá seu papel em sociedade, tendo o primeiro contato com o mundo, exercendo funções e atitudes que influenciarão na sua socialização.

Nessa senda é que as relações são mais fluidas e há uma constante troca de afetos, influências mútuas, expectativas e cobranças. A família se comporta como uma unidade, e tudo o que afeta um dos seus integrantes, repercutirá nos demais membros.

Desta forma, por ser o ambiente familiar o primeiro espaço inclusivo de qualquer criança, é neste núcleo que a família também vivencia o impacto da descoberta da superdotação durante o percurso precoce do desenvolvimento infantil, pelo qual são reconhecidas as diferenças apresentadas pelo filho.

Consoante Joseph Renzulli (2.014), um dos mais importantes teóricos no assunto, ressalta que a habilidade acima da média, criatividade e motivação compõe a personalidade desses indivíduos. Ele ainda enfatiza que existem dois tipos de comportamento de superdotados, os acadêmicos e os criativos-produtivos. O primeiro, são mais fáceis de identificar, são medidos pelos testes de QI e destacando-se nas escolas. Já no segundo tipo, são aqueles com grandes capacidades de desenvolver pensamentos, soluções para a vida social, esses indivíduos costumam ser menos identificados no ambiente escolar.

As crianças que apresentam essas habilidades extremamente desenvolvidas, percebem-se diferentes das demais, o que pode resultar em problemas comportamentais ou psicológicos.

Para ser aceita ou se igualar ao grupo, muitas apresentam dificuldades comportamentais, baixo rendimento escolar, falta de interesse pelos conteúdos, decepção e frustração por não serem compreendidos, desinteresse pelos estudos, comportamento inadequado, que podem se confundir com hiperatividade, distúrbios do comportamento ou até déficit de concentração.

Virgolim (2.007) aborda que a grande agilidade na aprendizagem e a facilidade de realização de atividades de seu interesse, são características que marcam essas crianças.

Pais e familiares vão percebendo desde tenra idade as diferentes peculiaridades em seus filhos com relação às outras crianças, temendo que a educação que recebem não esteja de acordo com as suas reais necessidades (ALONSO, 2006). Muitas vezes, os pais vivenciam o drama de verem seus filhos sem o devido atendimento especializado, somado a uma sensação de impotência por não proverem o suficiente.

As concepções sobre o papel que exercem como pais e mães de crianças superdotadas e o modo como interpretam a manifestação dos comportamentos desta condição de ser, poderão repercutir no atendimento adequado às necessidades de seus filhos. Desta feita, para Solow (2001), tais concepções podem afetar as interpretações parentais em relação às características e comportamentos manifestados pelos mesmos, bem como podem influenciá-los em suas reações. Neste processo, é de fundamental importância que os pais encontrem, na escola e na sociedade em geral, uma rede de apoio para beneficiar o potencial do filho.

Pais que possuem maior compreensão sobre o assunto e recebem algum tipo de apoio podem ter maiores êxitos no processo educacional de suas crianças. Este fator está atrelado ao sistema de valores, crenças e conhecimento da área para a desmitificação do pensamento a respeito dos comportamentos apresentados pelas crianças e jovens especiais. É o que afirma Solow (2001) onde evidencia que pais com maior conhecimento sobre as características sociais e emocionais da superdotação, apresentam respostas mais adequadas aos comportamentos apresentados pelos seus filhos.

É função dos educadores e especialistas da área de superdotação informar e orientar sobre o reconhecimento, a identificação e o atendimento às necessidades específicas da pessoa com altas habilidades/superdotação (PAH/SD), contribuindo para a realização plena de suas diversas necessidades.

Constata-se que os indicadores de AH/SD nas pessoas que apresentam este comportamento são claros e podem ser facilmente identificados por profissionais preparados para isso, mas existem fatores que impedem o seu reconhecimento e atendimento na sala de aula ou em outros ambientes sociais ou laborais. Um desses fatores é o desconhecimento e a falta de valorização (ou a supervalorização) das características e comportamentos destas pessoas, o que implica a negação de suas necessidades enquanto sujeitos aprendentes, que juntamente com os mitos populares existentes numa sociedade que procura a “normalidade” e a regra, geram preconceitos que se refletem em todo o ambiente no qual a PAH/SD vive (PÉREZ, 2008, p. 1-2).

Constata-se que é de extrema importância que o sistema educacional esteja capacitado em reconhecer e atuar nas particularidades dos alunos, para que desta forma, possam ter suas necessidades atendidas.

Um dos impedimentos que pode interferir sobre o reconhecimento da criança superdotada, refere-se aos mitos presentes na cultura escolar e social que interferem na identificação desta criança da Educação Especial.

Especialistas da área de Superdotação (Alencar; Fleith, 2001; Guenther, 2006; Pérez, 2003; Rech; Freitas, 2006) obtemperam que, apesar dos avanços nas pesquisas, a problemática dos mitos e ideias preconceituosas e equivocadas presentes em nosso meio constituem uma das barreiras no reconhecimento, na identificação, na valorização do sujeito e de seu devido atendimento educacional especializado. Para reverter essa questão é preciso trabalhar em sua desconstrução a partir do conhecimento e saberes científicos (FERNÁNDEZ, 1994).

Um desses mitos é a ideia que se tem de que superdotados são grandes gênios e que não necessitam de intervenção pedagógica. O outro mito muito presente, é o de que educadores demonstram receio em lidar com esses indivíduos, pois acreditam que essas crianças tenham maiores conhecimentos que seus educadores.

Sabemos da necessidade de se valorizar a diversidade e respeitarmos a individualidade, não só no espaço da sala de aula, mas em todo o ambiente escolar. Guenther (2006) questiona as razões pelas quais todos os alunos devem absorver o mesmo conteúdo, da mesma forma, ao mesmo tempo e nas mesmas disciplinas.

No trabalho verdadeiramente pedagógico, cada aprendiz seria ajudado a partir do ponto em que está e caminhar da maneira que melhor responda às suas características, em direção a algo útil ao seu próprio crescimento e aperfeiçoamento pessoal (GUENTHER, 2006, p.40-41)

Devemos nos conscientizar que a inclusão do aluno com altas habilidades/superdotação acontecerá quando for superada, dentre outros aspectos, a concepção de inclusão que considera apenas o acesso do aluno à educação, a falta de valorização de diferentes áreas de conhecimento e a excessiva valorização das habilidades linguísticas e lógico-matemáticas no sistema escolar. Além destas barreiras, há outros que também dificultam esta inclusão: as crenças e mitos referentes a pessoa superdotada, o desconhecimento das características comuns das pessoas superdotadas, negando-lhes atendimento adequado, bem como a precariedade de serviços públicos a este segmento da população.

A organização do trabalho pedagógico, desde a Educação Infantil, deve partir dos processos capazes de oportunizar práticas pedagógicas diferenciadas que contribuam com o desenvolvimento cognitivo, motor e socioemocional. Para

tanto, é necessário que professores, gestores e toda equipe pedagógica criem um espaço para discussão de sua prática e tomada de decisão para reverter o atual quadro da educação. (GERMANI; STOBÄUS, 2006).

Assim sendo, Novaes (2008) destaca caminhos para o papel da escola no mundo contemporâneo:

No que diz respeito às escolas, a pressão social para serem mais abertas e flexíveis nos tempos e espaços levaria a ter de repensar suas metas, objetivos, e propostas pedagógicas promovendo uma convivência criativa entre todos os seus membros, uma produção escolar divergente, sabendo aproveitar os recursos e oportunidades do contexto e comunitários no domínio do conhecimento e da informação, explorando, nas experiências, novos cenários e integrando as áreas do saber. Lembraria que “uma boa cabeça aliada a um bom coração é a aliança ideal” o que leva a valorizar a verdade de cada um aproveitando situações de comunicação espontânea, capacidade de resolver problemas, a intuição e a percepção criativa (NOVAES, 2008, p. 84).

As instituições de ensino devem rever seu papel na atualidade, bem como analisar e adequar-se aos educandos que estão sendo inseridos nesses ambientes. Nosso sistema de ensino lamentavelmente é vetusto e rígido, por isso é muito comum os alunos com altas Habilidades/superdotação não se enquadrarem neste sistema.

Esta dificuldade as escolas enfrentam devido à falta de conhecimento sobre práticas pedagógicas estimuladoras, de organização de ambientes enriquecedores para todos os alunos, inclusive aos alunos superdotados, apresenta-se como uma das barreiras a serem ultrapassadas para que a inclusão escolar aconteça. Vieira (2005) destaca que a dificuldade de reconhecer e trabalhar com a diversidade de alunos justifica-se por um posicionamento binário das propostas pedagógicas que são feitas para a deficiência e baixo rendimento cognitivo, sendo que não são utilizáveis para as altas habilidades/superdotação.

Entende-se que a atuação colaborativa entre a escola, o professor da sala de aula e a família é de suma importância na trajetória do desenvolvimento do potencial do aluno superdotado. É muito frequente encontrarmos alunos com altas habilidades e com um rendimento inferior ao desejado, mal comportamento e atitudes indesejáveis, pois isso se deve ao fato de que suas necessidades e interesses não são atendidos, causando grande desmotivação que impedirão seu desenvolvimento.

Podemos constatar essa afirmação nos estudos de ALENCAR e FLEITH (2001):

Muitos são os fatores a que se podem atribuir este desempenho inferior. Tanto uma atitude negativa com relação à escola como as características do currículo e métodos utilizados (especialmente excessiva repetição de conteúdo, aulas monótonas e pouco estimuladoras, ritmo mais lento da classe) são alguns fatores responsáveis. Situação familiar insatisfatória, indiferença e rejeição por parte dos pais, além de baixas expectativas por parte do professor e pressões exercidas pelo grupo de colegas, são outros fatores que podem se relacionar ao baixo rendimento (ALENCAR; FLEITH, 2001, p. 94).

Nota-se que a escola tem um papel fundamental no reconhecimento, na orientação às famílias e na busca por um plano estratégico de atendimento especializado à essas crianças.

Neste sentido, Solow (2001) sinaliza que a cultura escolar é uma das vertentes que podem influenciar os pais dos alunos com altas habilidades/superdotação. A inclusão escolar deste estudante é um aspecto complexo; pois, ainda que professores e alunos atribuam sua devida importância, efetivamente apresentam dificuldades em vivenciá-la (PEREIRA, 2008).

É imperioso que as instituições de ensino invistam em capacitação da equipe pedagógica para colocar em prática a inclusão dos alunos com altas habilidades/superdotação, conforme se observa na “Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva”, do Ministério da Educação:

Para atuar na educação especial, o professor deve ter como base da sua formação, inicial e continuada, conhecimentos gerais para o exercício da docência e conhecimentos específicos da área. Essa formação possibilita a sua atuação no atendimento educacional especializado e deve aprofundar o caráter interativo e interdisciplinar da atuação nas salas comuns do ensino regular, nas salas de recursos, nos centros de atendimento educacional especializado, nos núcleos de acessibilidade das instituições de educação superior, nas classes hospitalares e nos ambientes domiciliares, para a oferta dos serviços e recursos de educação especial (BRASIL, 2008, p. 17-18)

Constata-se a importância da formação e capacitação dos educadores, pois estes deverão intervir no processo pedagógico, e também deverão orientar as famílias para que saibam atuar em todos os contextos de aprendizagem que a criança vivencia. A criança é vista como um todo nos seus diferentes contextos, nenhum programa de intervenção poderia obter sucesso se for focada apenas

no aluno, havendo a necessidade de explorar diferentes formas de intervenção nos contextos de vida da aprendizagem da criança na escola e na família (GOMES; MACHADO, 2006).

Infere-se, portanto, que o papel do professor no processo da educação inclusiva é de capital importância porque é por meio da reflexão sobre suas experiências em sala de aula que a escola pode repensar sua organização pedagógica com vistas ao atendimento à diversidade, contribuindo assim, para o pleno desenvolvimento de seus alunos.

Considerações finais

Como foi possível perceber, o trabalho com crianças com altas habilidades/superdotação não é tão simples como se pensava. O assunto se mostra muito mais complexo devido aos mitos e crenças errôneas sobre o assunto. Esse desconhecimento inicia-se no ambiente familiar e estende-se ao meio social da criança, dentre eles, na própria escola. Todo esse desconhecimento tende a gerar inúmeros prejuízos ao indivíduo, abrangendo sua aprendizagem, seu rendimento escolar, seu desenvolvimento emocional e social.

Não raro, podem ser confundidos com outros rótulos, como por exemplo: desinteressados e preguiçosos, por não terem suas necessidades e desejos atendidos. Esses indivíduos encontram um sistema de ensino arcaico e homogêneo onde se preza pelo conteúdo e formação em massa, ao invés de fomentar a própria individualidade de cada aluno.

Mesmo nas escolas, onde esses alunos deveriam ser reconhecidos, observa-se a falta de conhecimento sobre o assunto, a presença de mitos sobre o conceito de superdotação, o que impede a atuação coerente no processo de formação e desenvolvimento desses indivíduos.

Faz-se necessário a desmistificação desses mitos para que assim, se possa romper com esses obstáculos, e que de fato, o que é garantido pela legislação atual sobre educação inclusiva, possa ser colocada em prática. A análise de autores como (GERMANI; STOBÄUS, 2006) chama a atenção para os processos de inclusão escolar, no sentido de preparar professores e colegas de turma sobre a correta compreensão desse fenômeno, e desenvolver formas adequadas de trabalho e interação. Tais ações visam garantir que as práticas

inclusivas no ambiente escolar, cumpram seu papel de acolhimento, apoio, estímulo e respeito a identidade e características que acompanham as crianças com altas habilidades.

Rever todo o trabalho e formação de professores é de extrema relevância, para que possam atuar na educação inclusiva reconhecendo e intervindo da melhor forma possível no trabalho pedagógico dessas crianças, pois somente assim não desperdiçaremos tantos talentos e potencialidades.

Nesse quadrante, se as instituições de ensino de fato desenvolverem um bom trabalho irão auxiliar positivamente as famílias que tenham maiores dificuldades em lidar com seus filhos com superdotação. Essa união de esforços entre escola e família irá contribuir não só para a formação do próprio aluno mais terá reflexo na sociedade já que irão se beneficiar com o potencial extraordinário dessas pessoas.

Referências

- ALENCAR, E. M. L. S.; FLEITH, D. S, **Superdotados: determinantes, educação e ajustamento**. 2.ed. São Paulo: EPU, 2001.
- ALONSO, J.A. **Adaptación escolar y social**. In: Revista IDEAcción, n. 25, 2006, Valladolid, Espanha, p. 184-198.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeduc ESPECIAL.pdf> Acesso em: 07/01/2020.
- FERNÁNDEZ, A. **A mulher escondida na professora: uma leitura psicopedagógica do ser mulher, da corporeidade e da aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 1994
- GAMA, M. C. S. S. **Educação de superdotados: teoria e prática**. São Paulo: EPU, 2006.
- GERMANI, L.M.B.; STOBÄUS, C.D. A intervenção centrada na família e na escola: prática de atendimento à criança com Altas Habilidades/Superdotação. In: FREITAS, S. N. (Org.) **Educação e Altas Habilidades/Superdotação: a ousadia de rever conceitos e práticas**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2006, p. 127-150.

- GOMES, M. C.; MACHADO, D. **Programa Porta Aberta: enquadramento na realidade portuguesa**. Revista IDEAcción, n. 25, 2006, Valladolid, Espanha, p. 208-214.
- GUENTHER, Z. C. **Capacidade e Talento – Um programa para a Escola**. São Paulo: EPU, 2006.
- NOVAES, M. H. **Paradoxos contemporâneos**. Rio de Janeiro: E-papers, 2008.
- PÉREZ, S. G. P. B. **Ser ou não ser, eis a questão: o processo de construção da identidade na pessoa com altas habilidades/superdotação adulta**. 230 p.: il. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, PUCRS, Porto Alegre, 2008^a
- RENZULLI, J.S. (1978). **“What makes giftedness? Reexamining a definition”**. Phi Delta Kappan, n. 60, pp. 180-184 e 261.
- SOLOW, R. **Parents’ conceptions of giftedness**. Gifted Child Today. v. 24, p. 14-22, 2001
- SOLOW, R. **Parents’ conceptions of giftedness**. Gifted Child Today. v. 24, p. 14-22, 2001.
- VIEIRA, N. J. W. **“Viagem a Mojave-Óki!” Uma alternativa na identificação das altas habilidades/superdotação na educação infantil**. 2005. 228p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- VIRGOLIM, Ângela M.R., (Org.) **Altas Habilidades/Superdotação: Encorajando Potenciais**. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de educação Especial, 2007. Disponível em: Acesso em: 07/01/2020.
- VIRGOLIM, Ângela M.R., (Org.) **Talento criativo: expressão em múltiplos contextos**. – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.